De Areia a Paralelepípedos: histórias da rua 15 de Novembro em Imperatriz, Maranhão[1]

Diego Leonardo Silva COSTA[2]
Alexandre Zarate MACIEL[3]
Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, MA

RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de retratar as histórias da tradicional rua 15 de Novembro, a primeira via de Imperatriz, Maranhão. Por meio de uma narrativa construída a partir dos depoimentos de seus moradores, foi elaborado um livro-reportagem sobre a histórica rua. No processo metodológico, houve pesquisas documentais, bibliográficas, feitas em bibliotecas, Academia de Letras e nos acervos familiares. E, também, entrevistas em profundidade com as pessoas que moram na rua. O livro-reportagem "De areia a paralelepípedos: histórias da rua 15 de Novembro" apresenta, portanto, de forma ampliada, uma reportagem que conta as histórias da rua, por meio da pluralidade de vozes dos seus habitantes.

PALAVRAS-CHAVE

Livro-reportagem; jornalismo literário; rua 15 de Novembro; Imperatriz-MA.

1 INTRODUÇÃO

A rua 15 de Novembro, também conhecida como rua Dom Pedro II ou Teresa Cristina ou, ainda, avenida Frei Manoel Procópio é a mais antiga de Imperatriz, Maranhão. Por si só, suas calçadas, casas históricas e o chão de paralelepípedos carregam muitas histórias, estórias, pioneirismos, eventos e almas encantadoras (com perfis interessantíssimos) que, sem dúvida, podem ser interpretados em uma reportagem ampliada, ou seja, em um livro-reportagem. Foi na rua 15 de Novembro que se abriu o primeiro espaço industrial – uma Bolandeira - da Povoação de Santa Teresa (povoado que deu origem à cidade de Imperatriz), a primeira igreja, o posto médico, a prefeitura, entre outros estabelecimentos.

A historiadora Carlota Carvalho, em seu livro *O Sertão*, diz que a povoação de Santa Teresa possuiu no começo da década de 1920 uma única rua - a 15 de Novembro- de

[1] Trabalho submetido ao XIX Prêmio Expocom 2012, na Categoria Jornalismo, modalidade Livro-reportagem.
[2] Graduado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal do Maranhão e autor do trabalho, email: diego@palavracomunicacao.com.br.
[3] Professor Mestre em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília e orientador do trabalho.

84 casas, parte cobertas de telhas, edificadas ao longo do rio, que terminava em um largo ou praça esboçada com poucas casas, um quadrilátero onde havia a igreja Matriz. Ou seja, no início, a povoação era a rua e a rua era a povoação.

Devido à riqueza do tema, retratar as peculiaridades da rua (com sensibilidade) em forma de livro, em uma reportagem aprofundada, de fôlego, foi, sim, uma tarefa árdua, mas, ao mesmo tempo, gratificante e enriquecedora. O meio utilizado foi o livro-reportagem que, segundo a definição feita por Edvaldo Pereira Lima no site da Academia Brasileira de Jornalismo Literário (ABJL), trata-se de um veículo jornalístico impresso não-periódico contendo matéria produzida em formato de reportagem, grande-reportagem ou ensaio. Caracteriza-se pela autoria e pela liberdade de pauta, captação, texto e edição com que os autores podem trabalhar.

Mais especificamente, este trabalho se enquadra em duas categorias de livros-reportagem propostos por Lima. São os chamados livro-reportagem-depoimento e o livro-reportagem-retrato. Sobre o primeiro, o livro-depoimento, Lima define:

> Reconstitui um acontecimento relevante, de acordo com a visão de um participante ou de uma testemunha privilegiada. Pode ser escrito pelo próprio envolvido- geralmente com a assistência de um jornalista – ou por um profissional que compila o depoimento e elabora o livro. Aprende-se, daí, que o tom é passar ao leitor uma narrativa quente, com bastante clima de bastidores, movimentada. Por isso, seu estilo é, normalmente, o da *action-story*. (LIMA, 2009, p.52).

Já sobre o segundo - o livro-reportagem-retrato-, o autor coloca:

> Exerce papel parecido, em princípio, ao do livro-perfil. Mas, ao contrário deste, não focaliza uma figura humana, mas sim uma região geográfica, um setor da sociedade, um segmento da atividade econômica, procurando traçar o retrato do objeto em questão. Visa elucidar, sobretudo, seus mecanismos de funcionamento, seus problemas, sua complexidade. É marcado, na maioria das vezes, pelo interesse em prestar serviço educativo, explicativo. Por isso, trabalha a metalinguagem, na troca em miúdos de um campo específico do saber para o grande público não especializado. Em decorrência, seu estilo o caracteriza, por vezes, em *quote-story*. (LIMA, 2009, p.53).

O projeto traz, então, uma contribuição significativa no que diz respeito à reconstituição de um pedaço da história de minha cidade, espelhada na sua primeira rua. Por mais que o tema (rua 15 de Novembro) já possa ter sido trabalhado em veículos impressos, revistas, pelas emissoras de rádio, pelos noticiários da televisão e, até mesmo

pelo webjornalismo, há sempre lacunas deixadas. É, neste sentido, que o livro-reportagem cumpre um papel importante, ao preencher esses vazios deixados pelos os outros meios jornalísticos. Mais ainda, a reportagem ampliada aprofunda o conhecimento já produzido e, o mais relevante, elimina parcialmente a efemeridade da mensagem da atualidade praticada cotidianamente pelos canais de informação jornalística.

2 OBJETIVO

Este projeto teve como objetivo a elaboração de um livro-reportagem contando a história, casos e perfis humanos da rua 15 de Novembro. Com a finalidade também de compreender a importância da rua na história de Imperatriz-MA, averiguar episódios relevantes que aconteceram na rua, narrar, ou seja, redigir às informações captadas com a técnica do jornalismo literário, detalhar durante a narrativa o ambiente – arquitetura, edificação - do passado e do presente, descrever perfis de pessoas que fizeram e fazem parte da história da via e observar com sensibilidade as peculiaridades da rua 15 de Novembro.

3 JUSTIFICATIVA

A proposta de elaboração de um livro-reportagem na cidade de Imperatriz é de grande relevância para cultura literária local, devido, sobretudo, à quase inexistência deste tipo de produção na cidade. Fato que não difere de outros lugares, pois a pujança da produção de livro-reportagens no país ainda é pequena comparada a outros países ocidentais. Porém, este quadro está sendo modificado, e uma enxurrada de títulos confirma o crescimento e a vitalidade da reportagem trabalhada em forma de livro no mercado editorial brasileiro. Autores como Ruy Castro, Fernando Morais, Caco Barcellos, Zuenir Ventura e Edvaldo Pereira Lima são os principais nomes da produção canarinho de livro-reportagens. Este último é um dos principais estudiosos do assunto no Brasil. O projeto trará então uma contribuição significativa no que diz respeito à reconstituição de um pedaço da história de minha cidade, espelhada na sua primeira rua.

O tema sempre me interessou, simplesmente, por ter crescido em meio às brincadeiras sazonais - pipa, pião, peteca, pau na lata, carrinho de rolimã -, das ruas. Esta vivência pueril instigou em mim um amor por ruas, pelas histórias de vida, pelas almas encantadoras das ruas, como diria João do Rio. Neste contexto, a Rua 15 de Novembro, por ser a primeira rua, possui algo romântico, aurático, apaixonante. São esses elementos que busquei, com imensa dedicação, neste projeto.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Nos meses de fevereiro e março de 2011 aconteceram os primeiros procedimentos metodológicos para elaboração do trabalho. Inicialmente, por meio de pesquisas documentais e bibliográficas a respeito da história da fundação de Imperatriz, busquei todos os relatos já existentes sobre história da cidade e, consequentemente, sobre como era a realidade da rua 15 de Novembro no passado.

Durante vários dias estive na Biblioteca Pública Municipal, coincidentemente, localizada na avenida Dorgival Pinheiro de Sousa com a Tereza Cristina - outro nome da rua 15 - , pesquisando em livros históricos, textos de jornais (ou seja, o jornal como fonte), de tudo já publicado a respeito da temática. Encontrei relatos sobre a rua no primeiro livro da professora Edelvira Marques, *Eu, Imperatriz*, de 1972. A professora é considerada a primeira historiadora de Imperatriz. Tive um contato fundamental com outros dois livros da escritora: *História da Fundação de Imperatriz*, de 1993, e *Imperatriz: memória e registro*, publicado em 1995.

Outra publicação literária local, lida na biblioteca, que contribuiu com a pesquisa bibliográfica foi a biografia do ex-prefeito de Imperatriz, Simplício Moreira, escrita por sua filha, Zequinha Moreira. No livro, encontram-se antigas fotos da rua, da capelinha Bom Jesus, da prefeitura e de alguns estabelecimentos comerciais. Na Biblioteca Pública Municipal encontrei, ainda, textos e reportagens dos escritores (e jornalistas provisionados) Adalberto Franklin, Edmilson Sanches e Jaldene Nunes, a respeito da fundação da povoação de Santa Teresa, em 1852, e com algumas citações sobre a rua 15 de Novembro, conhecida no início como rua Grande.

Em paralelo às visitas à Biblioteca Municipal, pesquisei em outros lugares, como a biblioteca da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), campus Imperatriz, a biblioteca da Academia Imperatrizense de Letras (AIL), e a biblioteca da tradicional escola Santa Terezinha e sites. Nestes locais também obtive um resultado muito positivo. Nos sites de fotos *Panoramio* e *Museu Virtual*, descobri antigas fotos da rua, inclusive a ilustração de 1920, colocada no início do primeiro capítulo.

Já no acervo literário da Academia Imperatrizense de Letras descobri um livro do ex-aviador e escritor José Herênio de Sousa, denominado *Imperatriz-Retratos Sem Retoques*, de bastante relevância para meu trabalho. Nele, há um mapeamento feito pelo autor, de 1920 a 1935, mostrando todas as casas, estabelecimentos comerciais da rua e seus

respectivos proprietários. A partir deste mapeamento, surgiu a ideia de fazer um passeio pela via, com mapeamento nas mãos, dialogando passado e presente, ou seja, vendo o que mudou de 1920 pra cá.

A leitura de alguns livros-reportagem também ajudou no amadurecimento do texto e na organização das ideias. Os livros foram o clássico *A Sangue Frio* de Truman Capote, *Rota 66*, de Caco Barcellos, *Vale tudo: o som e a fúria de Tim Maia*, do jornalista Nelson Motta, e *Chega de saudade: a história e as histórias da Bossa Nova*, do jornalista e biógrafo, Ruy Castro.

No início de abril fiz o passeio pela rua, observando, com a ajuda do mapa, o passado e o presente daquele espaço. Com isso, ao mesmo tempo, fazia a observação simples, participante, e realizava as entrevistas pré-estruturadas com os moradores. Por meio da observação, de um olhar mais atento (atributo essencial a um pesquisador social), pude descobrir contradições do discurso dos livros com a realidade interpretada pelos moradores. Além disso, descobri novos enfoques ou novas pautas a serem trabalhadas no livro-reportagem.

Concomitantemente à observação, as entrevistas pré-estruturadas (roteiro de perguntas ou temas pré-produzidos pelo entrevistador, o repórter) começaram a ser realizadas, como já foi dito, durante o passeio inicial. A primeira entrevistada, moradora da rua, foi a senhora Maria Natividade Marinho, de 96 anos de idade, e mesma vivência de rua 15 de Novembro. Durante a entrevista, foram observadas as reações e expressões da fonte, sua história de vida, o ambiente, para já pensada produção de um perfil humanizado, encontrado logo no primeiro capítulo do livro.

A entrevista tem um papel fundamental no processo de construção de um livro-reportagem. A autora Cremilda Medina, em *Entrevista – O diálogo possível* enfatiza a importância desta técnica (entrevista-diálogo) para melhor aprofundamento das informações. Segundo Medina (2003, p.33), o diálogo possível "é uma busca enraizada nos valores humanos preservados na caminhada técnica e profissional. Por isso, a teorização da entrevista jornalística se desloca da técnica para arte do diálogo". É a humanização da técnica da entrevista na prática jornalística, sobretudo, quando a entrevista mergulha no cotidiano anônimo.

Buscando, portanto, o tão falado diálogo possível, ressaltado por Medida (2008), continuei as entrevistas com outras pessoas que tinham alguma ligação com rua e encerrei o processo de entrevistas novamente com a senhora Natividade Marinho, e a dona Domingas

Paixão. Foram a vigésima e vigésima primeira entrevistadas, respectivamente. Além das conversas com os moradores, entrevistei historiadores locais, como Adalberto Franklin. Com Adalberto, já foi realizada uma entrevista sobre alguns erros históricos, relativos ao início da povoação que deu origem à cidade de Imperatriz.

Na redação, procurei narrar os fatos – no primeiro capítulo - por meio de um jornalismo humanizado e, ao mesmo tempo, informativo, utilizando a técnica do jornalismo literário. Ou seja, na maneira de ordenar, distribuir ou combinar os elementos do relato, na narrativa, busquei criar uma interação fluente entre o texto e o leitor. Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari (1986, p.77), em *Técnica de Reportagem*, definem a narração como: "A ordenação de fatos, de natureza diversa, externos ao relator (mesmo quando o narrador é parte dos fatos, isto é, participa da ação que está sendo narrada)".

No processo de edição do livro-reportagem fiz um tratamento de montagem e estruturação, de modo que houvesse uma organização lógica e harmônica. Em todo o processo, mas na edição de forma mais intensa, contei com a contribuição do meu orientador, o jornalista e professor Alexandre Maciel.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O livro-reportagem "*De areia a paralelepípedos: Histórias da rua 15 de Novembro*" faz uma retrato da tradicional rua 15 de Novembro, a primeira via de Imperatriz, Maranhão. Conta as histórias da rua, por meio de uma narrativa construída a partir dos depoimentos das figuras humanas que moram por lá.

O título do livro-reportagem refere-se ao chão da rua, antes de areia e hoje calçado com paralelepípedos. O subtítulo trata da história e, sobretudo, das histórias contadas no decorrer da obra. O formato, ou seja, as dimensões do livro são as seguintes: 21 centímetros de altura por 14 centímetros de largura. Na capa, com fundo preto, encontra-se uma raríssima ilustração da rua 15 de Novembro que data do ano de 1924, publicada em uma revista italiana - *Annali Francescani (Milão, Itália)* - e também no livro comemorativo aos 150 anos de fundação da cidade de Imperatriz. A foto da capa faz parte do acervo de frei Rogério, frade capuchinho italiano, que reside hoje no Convento do Carmo, em São Luís, Maranhão. O título do livro está posto acima da imagem e o subtítulo dentro da ilustração, em um espaço em branco. O meu nome – assino como autor Diego Leonardo Boaventura - está situado abaixo da imagem, grafadas em letras *Whitney* brancas. No título e subtítulo também foram usadas letras *Whitney*.

O primeiro capítulo denomina-se *"Rua viva".* Neste texto inicial utilizei um mapeamento - de 1920 a 1935 - da rua 15 de Novembro. Faço um passeio pela via histórica, dialogando o passado e o presente daquele espaço. Ou seja, inserido no contexto narrativo (em 1º pessoa), vejo o que mudou de 1920 para cá, citando locais de outrora e vendo o que se encontra no mesmo lugar nos dias de hoje. Durante a caminhada pela rua, encontro uma personagem forte, Dona Natividade, que é retratada no capítulo a partir de um perfil humanizado. Após a narrativa, entro na parte mais histórica, com três intertítulos: A rua - trabalha com história da via pública; Famílias auráticas - mostra as principais famílias (tradicionais) do espaço; Farra de nomes - informa os vários nomes que a rua possui, dependendo do trecho. O título sugestivo refere-se à rua viva de histórias e de humanos seres.

No segundo capítulo, intitulado "*Pelas catedrais passarão meninos",* continuo a vivência (narrativa). Trabalho agora o aspecto religioso da rua, retratando as peculiaridades das duas igrejas importantes existentes naquele setor: a Santa Teresa D´Ávila, primeira de Imperatriz, cuja santa é padroeira da cidade, e a igreja evangélica Assembleia de Deus Congregação Jerusalém – primeira desta denominação na cidade. Abordo, também, a charmosa e antiga capela do Bom Jesus, muito presente no cotidiano dos moradores. Aqui, portanto, entraram a história das igrejas, as festividades e perfis (personagens), de integrantes de cada uma delas. Como o perfil de dona Domingas Paixão, principal personagem do capítulo. Além da existência de fotografias, que confirmam o forte aspecto religioso presente na via.

No terceiro capítulo – "*Bar do Olímpio, Caneleiros, Farol...*" - faço uma viagem por tradicionais estabelecimentos comerciais da rua: o bar do Olímpio, o Caneleiros e o restaurante Farol. O primeiro é um recinto frequentado por vários artistas imperatrizenses. Era um recanto fiel do produtor cultural Luís Brasília que, dizem, chegou a levar até o ex-presidente José Sarney no local. O segundo é um reduto etílico-cultural que fez sucesso durante alguns na década de 1990, reaberto a pouco menos de dois anos. Já o terceiro é um restaurante, ainda existente, e bastante frequentado. O capítulo tem um intertítulo, "*Texana, em Altas Horas*", onde enfatizo a agitação noturna presente na rua, principalmente, nos finais de semana. Neste sentido, foi realizada uma vivência na noite da rua, no bar Texana.

No quarto capítulo, cujo nome é "*A rua grávida de lua*" abordo um mito maranhense, também popular na via: do eclipse lunar ou lua cris. Quando ocorria o eclipse lunar, as pessoas, no caso, os moradores da rua 15 de Novembro, batiam panelas e faziam

muito barulho para repudiar a lua. As mulheres grávidas eram escondidas para evitar a visualização do eclipse, para que seus rebentos não nascessem com nenhuma deformação ou mancha na pele. Pegando o mote do mito, será inserido um intertítulo – *Francisco, o Monjuba*. Conto a história do Monjuba, um andarilho que apareceu por Imperatriz, vivia pela rua pedindo esmolas e por aqui ficou até a morte.

O quinto capítulo, chamado de "*Mangífera Indica L"* - nome científico de mangueiras - enfoca o meio ambiente da rua, o clima, a arborização, pegando como gancho as mangueiras, que durante muito tempo dividiam - as árvores ficavam no centro da rua, por toda sua extensão - os dois lances de pista. Ainda hoje os moradores reclamam do prefeito "maluco por sol" que mandou cortar as mangueiras. Além da sombra, as árvores davam deliciosos frutos. Outro importante assunto sobre meio ambiente foi tratado, com o intertítulo *"A fontinha"*. Segundo os moradores, foi na rua 15 de Novembro que aconteceu o maior crime ecológico que Imperatriz já viu. Onde hoje está construído o edifício Quinta Avenida e várias outras edificações, inclusive o Ibama, conviviam antigamente, diversos olhos d´águas ou fontes d'água, de águas cristalinas. Neste local as famílias iam fazer piqueniques e pescar. Ou seja, o espaço funcionava como um espaço de lazer para os moradores da rua. No sexto e último capítulo – "*Chão político"*- retrato o aspecto político da via. Começo com uma vivência na rua, no mercado Bom Jesus, e narro o assassinato do ex-prefeito de Imperatriz, Renato Cortez Moreira, morto dentro do mercado em 6 de outubro de 1993. O capítulo tem três intertítulos: "*JK, aqui"*? "*Visita do Che"* e "*Velha prefeitura colorida*". O primeiro enfocando a visita do presidente Juscelino Kubitschek, quando este veio inaugurar a rodovia Belém-Brasília. O segundo falando sobre a possível passagem do guerrilheiro Che Guevara por Imperatriz, ficando hospedado em uma pensão na rua 15 de Novembro. Ele passeou pela rua e até conversou com moradores, segundo relatos de algumas poucas testemunhas. O terceiro intertítulo fala do local onde foi a primeira prefeitura e Câmara de Vereadores de Imperatriz.

A linguagem que marca todos os capítulos é o jornalismo literário, o texto solto e humanizado, sem tantas convenções formais. Na tessitura, brinco com as palavras, solto a emoção e a criatividade e dou voz à figura humana, principalmente, pessoas anônimas, ou seja, no trabalho há uma pluralidade de fontes não-oficiais. O público-alvo do livro-reportagem é a cidade de Imperatriz e a região Tocantina.

6 CONSIDERAÇÕES

A feitura do livro-reportagem "*De areia a paralelepípedos*: *histórias da rua 15 de Novembro*" foi, sem dúvida, uma tarefa muito árdua, desgastante, mas, ao mesmo tempo, gratificante e enriquecedora. A ponto de dizer, que sou uma pessoa antes e depois deste trabalho. O rigor da leitura, a pesquisa de campo, o convívio com pessoas, na maioria idosos, fez com que aguçasse minha sensibilidade no tratamento com os indivíduos.

Esta rica experiência das ruas certamente acrescentou positivamente à minha vida, como ser humano e, também, na prática jornalística, enquanto profissional da área. Durante as entrevistas ocorreram momentos inesquecíveis, que jamais saíram da minha memória. Ocasiões muitas vezes engraçadas e, sobretudo, emocionantes. Capturei uma parte da história da rua 15 de Novembro, a primeira rua de Imperatriz, Maranhão, mas, como o próprio título do primeiro capítulo do livro diz, a rua é viva, a história e as histórias continuaram se perpetuando naquela via.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Edelvira M. M. **Eu, Imperatriz**. Goiânia: Rio Bonito, 1972.

_____. **História da fundação de Imperatriz**. Imperatriz: Ética, 1993. (Cadernos de Debates da AIL, v.2).

_____. Imperatriz: memória e registro. Imperatriz: Ética, 1995.

BARCELLOS, Caco. **Rota 66**. 29ª ed. São Paulo: Globo, 1997.

BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006.(Coleção Comunicação)

CAPOTE, Truman. ***A Sangue Frio***. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CASTRO, Ruy. **Chega de saudade: a história e as histórias da Bossa Nova**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

FRANKLIN, Adalberto. **Breve história de Imperatriz**. Imperatriz: Ética, 2006. (Série Ciência Humana, 1).

_____. **Apontamentos e Fontes para história econômica de Imperatriz**. Imperatriz: Ética, 2008.

LAGE, Nilson. **A reportagem:** teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2009.

LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é livro-reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

_____.***Páginas ampliadas**: o livro reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. 4ª edição (ampliada). São Paulo: Manole, 2009.

MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente**: narrativa e cotidiano. São Paulo: Summus, 2003.

_____. ***Povo e Personagem***. Canoas: Ulbra, 1996.

_____. **Entrevista**: o diálogo possível. 4ª ed. São Paulo: Ática, 2004. (Série Princípios).

MOTTA, Nelson. **Vale tudo: o som e a fúria de Tim Maia**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2008.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem**: notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus, 1986.

VILAS BOAS, Sergio. **Biografias & biógrafos**. São Paulo: Summus, 2002.

_____. **Perfis - e como escrevê-los**. São Paulo: Summus, 2003.

_____. (org.) ***Jornalistas literários**: narrativas da vida real por novos autores brasileiros*. São Paulo: Summus, 2007.

SANCHES, Edmilson (org.). **Enciclopédia de Imperatriz**. Imperatriz: Instituto Imperatriz, 2003.

_____. SOUSA, José Herênio de. **Imperatriz: retratos sem retoques**. Rio de Janeiro: Quatro Cores, 2003.

Sites

http://www.textovivo.com.br/

http://www.abjl.org.br/

http://museu-virtual.blogspot.com/

http://www.panoramio.com

Acervos

Acervo da Biblioteca Municipal de Imperatriz

Acervo da Academia Imperatrizense de Letras (AIL)

Acervo fotográfico de Fernando Cunha

Acervo da família Moreira